



OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1137	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$000	\$950	\$120	30 de Julho de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Um grupo de pessoas que gostam muito de gatos vae organizar em Lisboa uma exposição d'estes animaes, na qual poderão figurar não só os bichanos da capital mas ainda os que da provincia queiram concorrer ao curioso certamen.

Achamos bem, mas parecemos que poderiamos passar sem o convite aos gatos de fóra. Lisboa é, por excellencia, a cidade dos gatos. Ha gatos em toda a parte do mundo e em todas as terras do mundo, mas em nenhuma outra ha tantos, nem de tão variadas especies e feitos, como em Lisboa.

A India, como a Africa, tem os seus ruivos, d'um ruivo tão lindo e de tão luminosas tonalidades, que até lhes chamam doirados. Tem a America o seu gato tigre, e o seu gato dos Pampas. Nas grandes florestas da Europa, se exceptuarmos as do norte, pula de ramo em ramo, espavorido de si mesmo, o bravo gato montez. Mosqueados são os da Percia. De rabo tosqueado são os malaioes; e até sem rabo os ha, que são os gatos ilhéos de Man—os gatos mais tristes de que me chega noticia, porque para o gato que não póde dar ao rabo não ha alegria n'este mundo.

Os zoologos que n'este assumpto mais tem mettido o nariz pretendem que o gato manilhado dos antigos egyptios, tido por muito tempo como

o primeiro dos gatos domesticados, não era não aquelle mesmo que já os nubios, e desde os tempos mais remotos, haviam ensinado a fazer os seus precisos no caixote de serradura todos os dias mudada. Averiguaram elles ainda, os zoologos, que o gato domestico, rarissimo na antiguidade e precioso, só appareceu em paizes da Europa pela Idade-Media, augmentando depois que os embarcadiços d'aquelle tempo nos trouxeram os gatos do Extremo Oriente chinez, que por lá andavam nos pagodes, e que por cá continuaram na mesma, com gaudio desaforado das nossas gatas europeas.

Montez ainda ou já domestico, authentico de Angora ou malaio, felis ornato dos persas ou ca-

Os acontecimentos de Macau



A NOVA CIDADE DE HONG-CHAN, EM CONSTRUÇÃO PELOS CHINEZES, A 7 MILHAS AO NORTE DE MACAU, PARA SUPLANTAREM ESTA CIDADE PORTUGUESA
(Fotografia enviada pelo sr. Joaquim Antonio Ferraz à «Mala da Europa»)

loco dos pampas, espantado das florestas desbravadas, corrido da mythologia, fugido do sortilegio, o gato encontrou sempre aqui a temperatura quente de que tanto gosta, o socego a que tanto se afeiçoa, a tripa de peixe que tanto lhe appetee, o borralho ou o collo que tão irresistivelmente o convidam, a festa da mão amiga, que começa no alto da cabeça, entre as cartilagens da orelha, desce, com ligeira pressão, sobre a espinha, e se prolonga por toda a cauda sempre ao correr do pelo...

Janeiro, que é o mez d'elles, em nenhuma outra paragem lhes dá, como em Lisboa, a indemnidade dos bronchios que lhes consente as noitadas sem fim por cima dos telhados, no abuso doce-agreste do amor licencioso, do namoro deitando para o mal, do galanteio que desanda em correria, da seducção que vae até ao rapto, do arrebatamento que acaba em rebolão pelo beiral fóra, e do telhado abaixo!

Rica terra para cruzamentos — esta. Tragam da India ou da Africa um gato ruivo ou doirado encommendem ao nosso consul de Sião outro d'aquelles, que só ha lá, de rabo descommunal; peçam a alguém do seu conhecimento que venha do Egypto o favor de lhes trazer um bom exemplar da especie dos manilhados, egypcios esses da gemma.

Mal elles cá cheguem, desapertem a cada um a boca do sacco em que vierem, e deixem-nos á vontade.

O instincto e o olfato, tão afiados em felinos, se darão pressa em os encaminhar áquella boa, saborosa approximação de individuos da mesma especie e sexos diferentes, que é a suprema tendencia da natureza na conquista da perpetuidade.

Ponha-se depois cada qual á espreita dos estados d'alma da gata que tiver em casa — a malteza, de grande olho azulado, ou a preta de azeviche de olho tão verde como a esmeralda; a toda branca de côr de rosa ou a toda amarella de olho topazio.

Ella, que tanto apreço dava ao isolado concheço d'um certo fundo *fauteuil*, a certo canto sombrio, entre reposteiros, e onde toda se enovelava e deixava que passassem as horas ao sabor da pressa que tanto as faz correr, pouco a pouco ia espreguiçando se na direcção do sol que bate na varanda ou doura em nesga o lagedo do alpendre. Um pouco antes, porém, de lá chegar, deter-se-ha instantes, assentar-se-ha sobre as patinhas trazeiras; e ora com uma, ora com outra das que lhe ficam livres, encetará a sua *toilette*.

A sua lingua, aspera como a roseira brava, mas d'um vermelho tão lindo como o da petala das rosas que essa roseira dá, passará e tornará a passar, vezes sem conto, por toda a parte do corpo de que o pelo fique a seu alcance, como se ella houvesse saído d'um banho de lambedouro. Aonde a lingua não chegue, chegará a pata, lambida previamente; e tão minucioso será, tão demorado, o seu cuidado de se fazer bonita, que, a tanto cuidado chamaria tolice, se é que a visse, Leiane de Pougy... Haja espelho acessivel e não se cançará ella de se mirar ao espelho, já puxando os bandós mais para os olhos, já ensaiando o meio-olhar de postiga miopia, que tão bem vae a gatas, como a certas mulheres, na espreita do que d'ellas julgue o amor dos gatos e dos homens.

Depois, rapidamente, avançará para o sol em cheio; e, senhora de suas graças, segura de seus amavios, estatelar-se-ha ao sol, tão abandonada de preconceitos e ademanos honestos, que não passará gato pela rua ou por cima do muro do quintal, que a não tome por gata leviana e facil.

E não haverá tapete felpudo por onde ella se não rebole, nem estofo macio por onde se não roce, nem tufo espinhoso de jardim por onde se não embrenhe, na busca de todos os mornos contactos, exquisitos arrepios, que incessantemente lhe bulam com o mecanismo tenso de nervos.

Deixem passar um mez, mez e meio, cincoenta e cinco ou cincoenta e seis dias (que é o tempo certo), e ahí terão o risonho desenlace d'aquelle mysterio de gestação: uma ninhada de pequeninos gatos de mesclas surprehendes, disparando a côr dos olhos com a côr do pelo, não havendo sombra de regularidade no desenho dos mosqueados, marcando rebeldia á affirmacção de raça as manchas, que baralharam seus sitios e se distribuíram por elles como melhor puderam.

Por isso o gato alfacinha, resultante de todos esses cruzamentos, e progenitor, por sua vez, de outros que por cá vão deixando as gatas estrangeiras — as italianas de S. Carlos, as francezas do D. Amelia e algumas inglezas de fugida — é um gato sem raça definida, um gato extravagante, um gato extraordinario.

Se ha, todavia, o gato que nobilite a sua espe-

cie, p'la tempera, p'la supremacia organica, se o compararmos com os outros gatos, é esse, e, por um modo incontestavel, o nosso.

Diz-se que não ha folego que se compare ao do gato. Ha até quem lhes dê, a gatos, de outros paizes, quatro folegos e mais. Pois o nosso tem sete! Espantem-no, batendo as palmas e gritando-lhe «sape gato!»; ou não façam mais do que pegar do cabo d'uma vassoura fingindo que vão correr com elle, e ahí o vereis partir mais veloz que o esguicho de um foguete, mais leve que uma penna, mais impalpavel que um sópro; e assim o vereis, se boa vista tiverdes ou oculo de grande alcance, só olhar para traz em Arroyos, se elle se espantou ao Socorro, só ir parar em Pedrouços se o espantaram em Xabregas!

JOÃO PRUDENCIO.



Os acontecimentos de Macau

Ainda não ha muito, em o n.º 1119 do OCCIDENTE de 30 de janeiro, tratámos aqui da questão de limites de Macau, e, fazendo ligeiramente a historia desta possessão portugueza, frisámos que a China nos ultimos tempos não encara bem o nosso dominio em Macau, procurando pretextos para nos desaposar d'elle.

A questão de limites foi um desses pretextos, cuja solução não está ainda nitidamente definida pela hipocrisia e manhas proverbiaes da politica chinêsa.

Entretanto surgiu agora outro caso que, conforme a sobredita hipocrisia e manha, tanto poderá ter sido ocasional como *ad hoc*.

Trata-se de piratas chinêses, o que é tão velho naquellas paragens, que por causa dos piratas é que o governo da China deu aos portuguezes a posse da península onde estabeleceram a cidade do *Santo Nome de Deus de Macau* (1).

Pelo que dizem telegramas, um comerciante inglêz de Hong-Kong participou, no dia 11 do corrente, ao governador de Macau, que um seu filho e mais uns 16 alumnos da escola de Tong-ang haviam sido presos por piratas chinêses e se encontravam na ilha de Colovane, sob a soberania portugueza, participando ainda que esses piratas exigiam 35:000 patacas pelo resgate.

O governador de Macau, sr. capitão Eduardo Marques, um dos heroes do Cuamato, mandou preparar uma força de 50 praças sob o comando do tenente Ribas, que na madrugada do dia 12 se dirigiu, na canhoneira *Macau*, para a ilha de Colovane, a meia hora de viagem, e ali efetuou um desembarque, encontrando efetivamente piratas, que resistiram e com os quaes a população da ilha, composta de pescadores, fez causa comum.

Nestas circumstancias, sendo insufficiente a força, que ainda assim perseguiu os piratas até ás cavernas em que se refugiaram depois de sofrerem grandes perdas, vendo-se rodeada de fogo que lhe matou uma praça e feriu outra, bateu em retirada para a ilha da Taipa, enquanto o comandante voltou a Macau a buscar um reforço de mais 100 praças de infantaria e uma boca de fogo, medico e ambulancia, tudo sob o comando do major Arthur de Magalhães, comandante da policia.

Com este reforço seguiu tambem a canhoneira *Patria* a juntar-se á *Macau*. O desembarque efetuou-se sem novidade ás 10 horas da noite, occupando o forte, mas quando no dia seguinte as forças tentaram entrar na povoação, tiveram de sustentar combate durante 3 horas, tendo as canhoneiras de proteger, com a sua artilharia, communicações e desembarques, etc.

Os piratas tinham crescido em numero superior a trescentos a que se juntou a população da ilha, mas por fim tiveram que ceder ao valor dos nossos soldados e pedir paz apresentando bandeira branca. A força portugueza occupou toda a ilha, refugiando se os piratas nas cavernas com armas e munições, mas ali mesmo foram perseguidos e desalojados, tendo a artilharia das nossas canhoneiras metido no fundo dois juncos que conduziam mais de cincoente daquelles chinêses.

Foram encontradas as creanças cativas e trazidas para Macau onde algumas precisavam ser pensadas de ferimentos que apresentavam.

Nesta refrega, em que mais uma vez se afirmou a bravura do soldado portuguez, ficaram

mortos o 1.º cabo de infantaria Antonio Maria de Oliveira Leite e o soldado José Maria, do corpo de policia; feridos os soldados de artilharia Rodrigo Martins e João Bembon e o soldado de infantaria Duarte da Silva Palmeira

Durante estes combates encontravam-se nas aguas de Macau sete canhoneiras chinêsas que assistiram ás operações, enquanto na proxima ilha de Vong Kan o governo chinês postou uma força de 200 soldados. O comandante chefe destas canhoneiras veiu a bordo da canhoneira portugueza louvar em nome do seu governo o alto serviço que as nossas forças prestavam, e oferecer auxilio se fosse preciso, o que o governador de Macau apreciou e agradeceu, mas declarou não precisar, pois estava assegurada a ordem publica e mantida a soberania portugueza da ilha de Colovane.

Não deve, porém, passar despercebida a circumstancia das sete canhoneiras chinêsas nas aguas de Macau, como tambem a força militar que o governo da China postara na ilha de Vong-Kan, proxima e que é um dos pontos em litigio com o governo portuguez.

Por agora está terminado o conflito, felizmente com honra e gloria para as armas portuguezas, mostrando-se o governo da China satisfeito.

Comtudo a má vontade dos chinêses contra a occupação portugueza de Macau, é manifesta já em factos positivos, que não deixam duvidas.

Um desses factos é a construcção, ultimamente encetada, de uma cidade e porto em Hong-Sahn, pouco distante de Macau, com o propositado fim de fazer concorrência ao porto portuguez. Essa nova cidade e porto, está sendo construido com toda a celeridade por uma companhia formada, pela maior parte, com capitaes de chinas ricas que viviam em Macau e seus suburbios, e tem abandonado a cidade portugueza. Estes chinas entretem negocios com os Estados Unidos da America, com Honolulu e a Australia. O porto é muito exposto ao mar e, portanto, desabrigado, mas os chinas não recuam perante essa dificuldade, e mandaram contratar um engenheiro americano, para construir um quebra-mar que torne o porto mais abrigado, embora isso lhes custe muito caro. De resto o terreno escolhido é muito favoravel á construcção de uma cidade, a qual já vae muito adiantada, como se pôde avaliar pela vista da gravura reproducção de fotografia.

Tudo, pois, está indicando os cuidados que ao governo portuguez deve merecer a nossa possessão de Macau, para a defender desta concorrência, e ainda mais dos ardis que o Celeste Imperio procura para esbulhar Portugal da posse e dominio daquelles territorios.



INDUSTRIA NACIONAL

A nova fabrica da Nova Companhia Nacional de Moagem

Folgamos de poder registrar nesta revista, que ha trinta e tres annos acompanha todo o movimento artistico, industrial e economico do país, mais uma nova e grande manifestação de iniciativa particular, em beneficio do progresso e da riqueza publica de Portugal.

A abertura de uma fabrica como centro e nucleo de trabalho, é sempre um acontecimento de alcance na industria e economia de um país, mas quando essa fabrica abrange uma industria complexa e de maior necessidade do consumo publico, tão completa em todas as suas partes, como a nova fabrica da Companhia Nacional de Moagem, o acontecimento é de maior importancia, como tudo quanto é grande e belo, onde o capital e a intelligencia se completam realisando o verdadeiro progresso que resulta desta feliz combinacção.

E' o que fômos encontrar na nova fabrica, onde por grande que fosse a nossa expectativa, maior foi ainda nossa surpresa ao visitarmos o grande estabelecimento fabril, que Sua Magestade El-Rei D. Manuel se dignou ir inaugurar, no dia 20 do mez passado, dando com a sua presenca maior brilho á simpatica festa e mais do que isso, honrando o trabalho nacional tão expressivamente ali representado.

A mensagem apresentada a El-Rei, nessa occasião, pelos operosos e intelligentes membros do conselho de administração da Nova Companhia Nacional de Moagem, é, a par de um agradecimento ao monarca pela sua comparencia áquella festa inaugurativa, uma exposicção do grande tra-

(1) Vide presente vol., pag. 20.

balho e capital que foi mister empregar para fundar aquella fabrica talvez, por enquanto, o primeiro estabelecimento fabril do país.

Eis a mensagem:

«Senhor! Mais uma vez se digna Vossa Magestade honrar com a Sua Augusta presença uma festa de trabalho nacional, engrandecendo assim o prestigio da Corôa que Vossa Magestade tanto enaltece. As repetidas afirmações de interesse, de simpatia e até do entusiasmo de Vossa Magestade pelo labor português que tão poderosamente coopera para o bem publico, são bem de molde a justificar as crescentes e enternecidas simpatias nacionaes que a Vossa Magestade cercam. Onde a intelligencia, o sentimento e as arduas tarefas do trabalho se estejam exercendo, temos sempre visto comparecer Vossa Magestade: — orgulhamo nos, nós, que pertencemos á grei do trabalho, de o registar, e fazemol-o com sincero desvanecimento. Pela nossa parte acendradamente, com afervorado culto, dentro da nossa acção, havemos de corresponder sempre, com os mais aturados e diligentes esforços a bem do progredimento da actividade portugueza ao incitamento notavel que Vossa Magestade tão magnanimamente dispensa aos que se dedicam á obra do Trabalho.

Senhor! E' esta uma das 17 fabricas que a nossa Companhia, de capital social e nacional de 4.914.900\$000 réis, conta sob a sua directa administração. Comnosco labutam na nossa empresa, muitas centenas de cidadãos portuguezes, nos nossos amplos misteres e suas dependencias, na industria cerealifera sob todos os aspetos e respectivo commercio, o que intimamente nos prende á agricultura e á vida da metropole, das ilhas adjacentes e das colonias.

Nunca sentimos desfalecimento ante os estorvos por vezes colossaes, que se deparam ante todas as iniciativas rasgadas: — menos os sentimentos de futuro, encorajados pelo animador aplauso que a santa cruzada industrial e comercial de Portugal tão patrioticamente desperta em Vossa Magestade

Senhor! E' a segunda vez que a Nova Companhia Nacional de Moagem regista gloriosamente, na sua existencia, a presença excelsa de Vossa Magestade nos seus centros fabris. Vossa Magestade apreciará, no seu altissimo criterio, nesta nova fabrica que hoje se inaugura, como nós, operarios da Economia da Nação, cumprimos ardua mas dedicadamente a nossa missão de intermediarios entre a produção e consumo, nas suas diversas modalidades, do genero mais preciso á alimentação publica, e como nos esforçamos e agora em bolachas, biscoitos e massas alimenticias, produzir a dentro do País os tipos que só custosas importações entregavam ao consumidor nacional.

Vossa Magestade, respeitosa e sinceramente, a mais rendida expressão da nossa profunda gratidão pela suprema Honra que a esta Companhia, Vossa Magestade está concedendo com a Sua Augusta presença, e os mais ardentes e entusiasticos votos pelas prosperidades e venturas de Vossa Magestade, de toda a Familia Real, do Vosso reinado e da nossa querida Patria.»



JOÃO PEDRO DE SOUSA

A esta mensagem respondeu o Chefe do Estado:

«Agradeço á Nova Companhia Nacional de Moagem o seu convite que a um tempo Me pnhora pela sua amabilidade e Me oferece o feliz ensejo de aplaudir mais uma vigorosa manifestação de trabalho nacional.

Uma fabrica é o centro de condensação e de valorisação de trabalho e ao mesmo tempo um fóco de irradiação, de riqueza e de bem estar.

E', portanto, cada nova fabrica mais um ponto de apoio para o progredimento da economia do país.

Com prazer registo o esforço feito e a afirmação de que, por maiores que sejam os estorvos, nunca esta Companhia desfalheceu ante a mais arrojada iniciativa como esta incontestavelmente é.

E assim, é perfeitamente legitimo o desvanecimento com que os membros do conselho de administração d'esta poderosa Companhia se orgulham pelo trabalho realizado, que tem sido grande e pelo exito obtido que jubilosamente registo.

Como Rei honro me de encontrar-me entre quantos pelo seu esforço devotado e digno do maior louvor, realisam a obra admiravel que se tornou motivo para esta nossa reunião, em que a todos nos cumpre exaltar o trabalho nacional tão brilhantemente evidenciado.

Isto dito com vivo prazer, faço os Meus mais fervorosos votos pelas prosperidades desta Companhia.»

A resposta de El-Rei á mensagem é o maior reconhecimento da importancia desta fabrica, do progresso que vem assinalar na industria das massas alimenticias e das bolachas finas pelo sistema inglês, complemento da fabrica de moagens inaugurada o anno passado.

Foi Sua Magestade que, inaugurando esta fabrica, poz em movimento o seu grande motor *Korting* de 200 cavalos, a gaz pobre, o qual ligado a um dinamo da mesma força acciona sobre todo os maquinismos.

Que bela cousa não foi ouvir o ruido enorme de todo aquelle maquinismo movendo-se de mistura com os acordes do hinno nacional, que a charanga da armada tocava, saudando nelle tanto o Chefe do Estado, como o trabalho e o progresso.

Assim principiámos a visita á fabrica naquella dia festivo, em que toda se engalanava de bandeiras, flôres e arbustos, seguindo Sua Magestade El Rei e Sua Alteza o Principe D. Affonso, que tambem compareceu ao acto, com suas comitivas, membros da direcção da Companhia, grande numero de convidados, em que se encontravam representantes da imprensa.

Servindo de *cicerones* a El-Rei e a Sua Alteza vão os srs. João Pedro de Sousa e José Carreira de Sousa, explicando todo o variado maquinismo que se move, nos quatro pavimentos da fabrica, além do terreo, dividida nas secções de fabrica-

ção de massas alimenticias e na fabricação de bolachas e biscoitos pelo sistema inglês.

No pavimento terreo acham-se instalados o motor e dinamo a que já nos referimos. Esta instalação é, por assim dizer, luxuosa, revestida de magnificos azulejos dos srs. Reis e Ceia, alvejando luzidamente as paredes limpissimas, o que aliaz se observa em todas as dependencias da fabrica que vamos visitando, dominando a boa ordem e asseio irrepreensíveis.

Começa neste pavimento terreo o complicado maquinismo no seu laborioso movimento; aqui são os amassadores mecanicos que revolvem dentro dos tanques de ferro as farinhas que vão amassando sob a pressão das grandes mós de aço que giram sem descanso; além as calandras reduzem a delgadas folhas as massas que passam a ser moldadas em bolachas de diferentes fórmulas e paladares, nas maquinias apropriadas; para outro lado vêem-se grandes prensas donde, atravez de seus crivos de aço, sae em fios dos mais delgados aos mais grossos as finas aletrias até aos succulentos macarrões, e ainda doutros maquinismos saem as massas recortadas e miudas de delicadas fórmulas e variados desenhos.

Estas produções são enormes; basta saber que em cada 24 horas se aprontam para immediato consumo desoito mil kilogramas de bolachas e biscoitos, e trinta e seis mil de massas alimenticias.

Tres fornos gigantes e dois sem fim permitem este enorme fabrico diario.

Subindo ao primeiro andar encontra-se a secção de empacotamento e enlatamento de massas e de bolachas, auxiliado por modernos maquinismos dos mais aperfeiçoados, como de resto são todos os maquinismos desta fabrica. Os productos fabricados no pavimento inferior passam a este por meio de elevadores mecanicos.

E' tambem por meio de elevadores automaticos que as massas alimenticias passam aos aparelhos denominados *polidores* e seguem ao aparelho de secagem, cujas instalações adeante descrevemos e que se encontram dispostas no ultimo pavimento, ficando estes productos prontos a entrar no consumo, sem perda de nenhuma das suas qualidades.

Ainda neste pavimento estão as dependencias do empregado que dirige o fabrico das bolachas, Mr. Piggot bem çomo o respectivo gerente o sr. Roberto José Rodrigues.

No segundo andar são as estufas ou enxugadores das massas cortadas ou meudas, e que são ali levadas por condutores mecanicos especiaes. Ha neste pavimento a secção de caixoteiro, assim como sobre um terraço, em cimento, um grande tanque de agua para varios serviços da fabrica.

No terceiro andar continuam os enxugadores, estendedores de macarronetes, macarrão e frisados, que operarios dispõem em taboleiros.

Neste pavimento ha um dinamo que acciona ventoinhas electricas que auxiliam a secagem.

O sr. José Casimiro Diniz, gerente das fabricas



MANUEL M. GOMES MELLEIRO

de moagem e de massas alimenticias, bem como Mrs. Jarry e Vacher mestres de fabrico, explicam todos os maquinismos e operações por que passam as mesmas massas, no sentido de toda a manipulação ser mecanica, evitando o trabalho manual. E' seguramente esta uma das garantias do fabrico asseado e portanto higienico.



JOSÉ CARREIRA DE SOUSA

Afirmando, por sabermos ser grato ao espirito illustradissimo de Vossa Magestade, e em obediencia aos nossos arreigados propositos, que não hesitaremos jámais em acompanhar, dentro do nosso país, a evolução progressiva da industria similar estrangeira, resta nos o cumprimento de um dever gratissimo: é o de apresentarmos a

INDUSTRIA NACIONAL

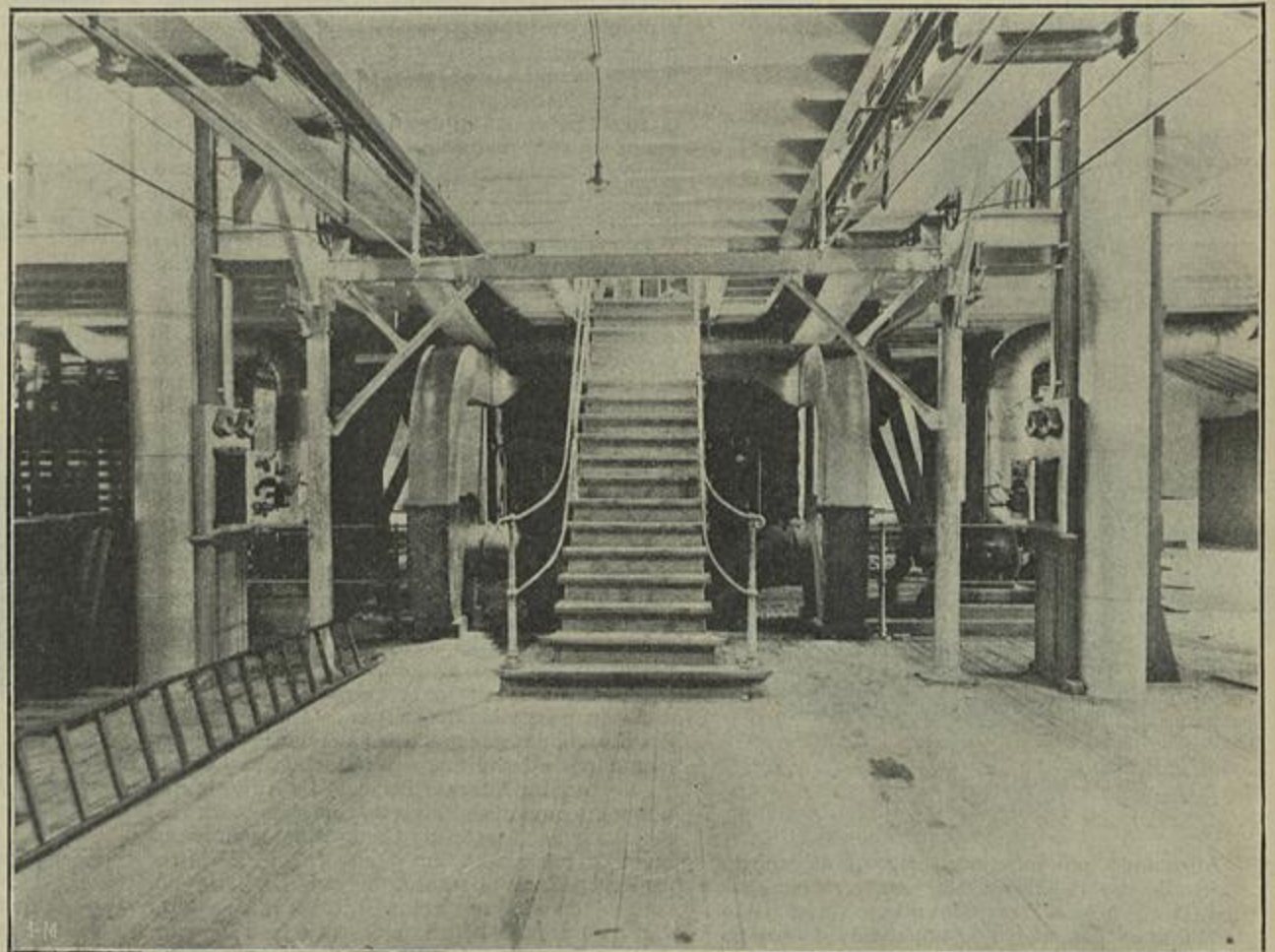


EDIFÍCIO DA FABRICA DE MOAGEM DA NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM, INAUGURADO O ANNO PASSADO

No quarto e ultimo pavimento existe um aparelho, invenção com patente do ativo e inteligente administrador gerente da Companhia, sr. José Carreira de Sousa, e que é da maior vantagem, pois por meio d'esse aparelho consegue-se, no limite de duas horas, secar completamente as massas a ficarem no estado de entrar em immediato consumo.

E foi vendo todos estes maquinismos dos mais perfeitos e modernos empregados nestas industrias; foi vendo toda a ativa laboração desta fabrica, onde cerca de 250 operarios, homens e mulheres, todos muito asseados e as mulheres até com certa tafularia de touquinhas e aventaes brancos, cada qual a postos nos seus trabalhos; foi no meio deste grande movimento, em fim, que nos encontrámos no ultimo pavimento onde El Rei e Sua Alteza tambem chegavam acompanhados de toda a assistencia, e se detem a examinar o aparelho, invenção do sr. José Carreira de Sousa, a que acima nos referimos, e ao qual o autor denominou *Regina*.

Foi neste pavimento, que apresenta um vastissimo salão, todo enfeitado de trofeus, legendas e bandeiras, por entre flores e massiços de verdura, que se serviu um delicado copo de agua e se trocaram brindes de festa a que Sua Magestade e Alteza amavelmente corresponderam, renovan-

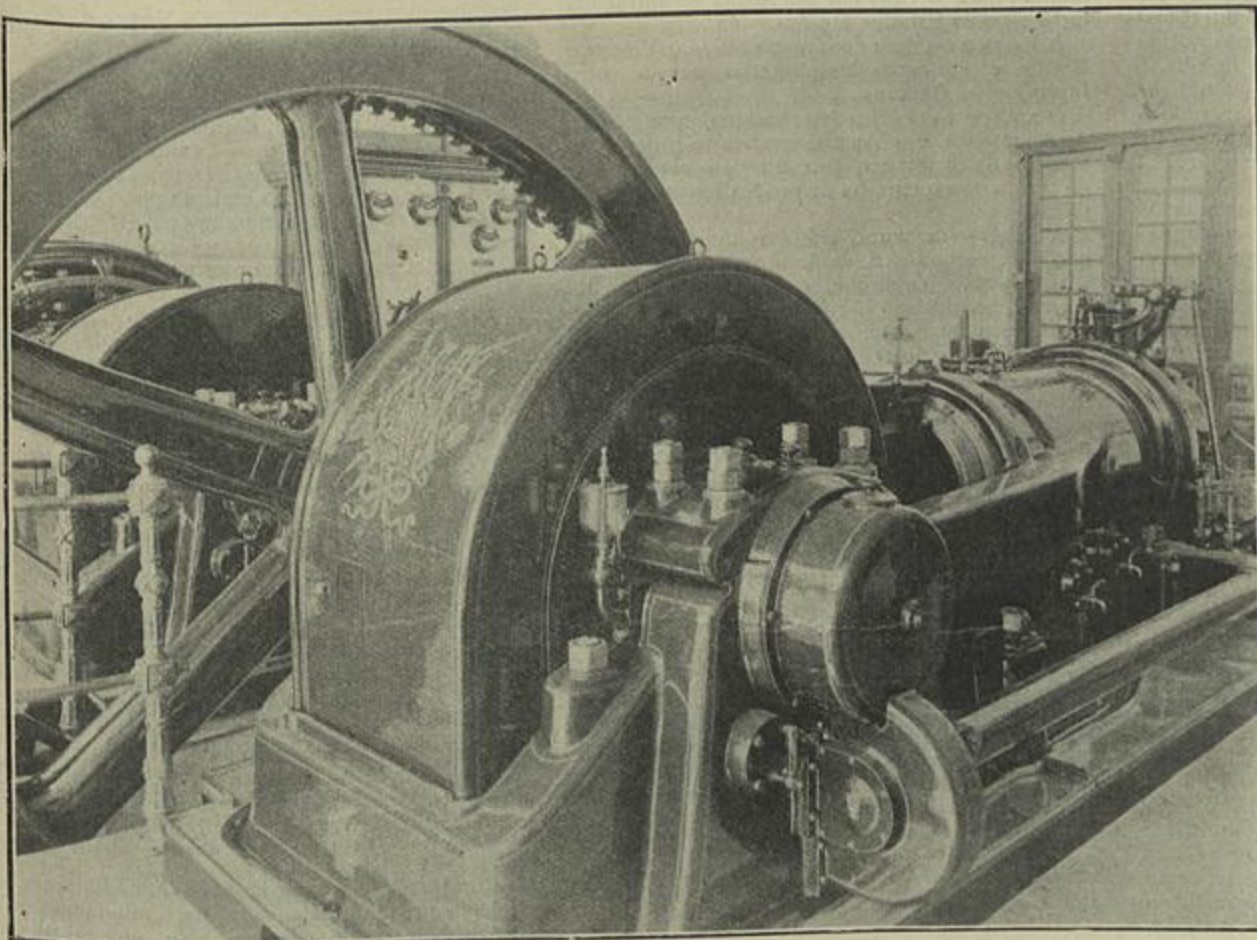


UM ASPÉTO INTERIOR DA FABRICA DE MOAGEM

INDUSTRIA NACIONAL



EDIFÍCIO DA FABRICA DE BOLACHAS E MASSAS ALIMENTÍCIAS DA NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM, INAUGURADO EM 20 DE JUNHO DE 1910



O GRANDE MOTOR «KORTING» QUE DÁ O MOVIMENTO A TODA A FABRICA

do-se ali os votos pelas prosperidades da briosa companhia, de seus ativos dirigentes e progresso da industria nacional.

Honra aos corpos dirigentes desta companhia que com tanto brio vem ás conquistas modernas das industrias e do commercio, e honra muito especialmente aos que puzeram por obra o vasto e complexo plano desta fabrica com tanta inteligencia e dedicação, o sr. João Pedro de Sousa, presidente do conselho da administração e seu filho o sr. José Carreira de Sousa, administrador gerente, além dos mais membros do conselho, os srs. Manoel M. Gomes Melleiro, Antonio M. de Oliveira Belo, Fernando de Oliveira Belo, Victor Marques Caratão, Eugenio de Sousa, Manuel Rodrigues Vaquinhas e Manuel Luiz dos Santos Violante.

De todos, nós desejavamos aqui estampar os retratos como justa homenagem aos seus meritos industriaes, mas só foi possível obter a tempo os tres que publicamos.

Sua Magestade, ao retirar-se da fabrica, agraciou o sr. João Pedro de Sousa com a gran-cruz do Merito Industrial e o sr. José Carreira de Sousa com a comenda mesma ordem.

Bem merecidas distincções, justa recompensa de um trabalho inteligente e presistente, e ao mesmo tempo incentivo a mais iniciativas como esta de tão largo alcance.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

Os grandes genios são aquelles que teem o dom da previsão, aquelles que, á semelhança do Argus lendario, para cuja vista as mais espessas muralhas não constituíam o mais pequeno embaraço, conseguem ver através do tempo e do espaço coisas que para os simples mortaes constituem verdadeiros impossiveis, extravagantes utopias.

Está neste caso o grande Leonardo de Vinci, que entre outras manifestações do seu incomparavel genio, apresentou varios modelos de dirigiveis, procurando, em todos os planos ha pouco tempo publicados em diferentes revistas, approximar essas machinas voadoras das formas da ave, cuja anatomia foi admiravelmente estudada por Vinci. O seu sonho foi objecto de aturado estudo, que na pratica produziu grandes decepções e lastimaveis desastres, no dominio da historia da aviação aerea, em que o nosso pequeno paiz occupa honroso logar, ao lado dos Montgolfier. Bartholomeu de Gusmão é hoje conhecido em toda a parte, e é de crêr que o illustre poeta João Gouveia, um dos grandes entusiastas pela viação aerea, e que se tem dedicado ardentemente ao aperfeiçoamento dos aeroplanos, venha infleirar ao lado dos maiores cultores d'este genero de *sport*, destinado a longo futuro, visto que já hoje ninguém duvida que a direcção dos balões seja um problema definitivamente resolvido, e, ainda mais, constituindo a preocupação de milhares de pessoas e de todos os estados civilizados, que já hoje inscrevem nos seus orçamentos uma verba para o fabrico de balões militares e respectivos *hangars*.

A Allemanha, dado o seu espirito eminentemente militarista, foi a nação que maior entusiasmo teve pela aviação, cuja historia constitue por assim dizer a biographia do conde Zeppelin, que, depois de porfiados e herculeos esforços, incitados por um patriotismo sem igual, conseguiu dar aos balões dirigiveis a feição verdadeiramente utilitaria e pratica, chegando a estabelecer carreiras com preço marcado para cada pessoa, e com itinerario estabelecido. Infelizmente, porém, o typo rigido, por elle escolhido, não tem dado os resultados esperados, antes tem contribuido para o extraordinario numero de victimas que enlutam as paginas da historia da aeronautica. Ainda ha dias se despedaçou o ultimo balão Zeppelin, o *Deutschland*, que transportava 15 pessoas, milagrosamente salvas, graças ao balão ter caído n'uma floresta. Este dirigivel era um colosso que custou 137 contos, não contando outras despesas que attingem a alguns contos de réis.

O espirito allemão está de tal modo identificado com a descoberta de Zeppelin que, quando o seu balão se eleva nos ares, toda a Allemanha tem a impressão de que n'elle vae uma parcella da propriedade e do brio nacionaes.

Os jornaes publicam quasi diariamente noticias de desastres produzidos tambem pelos monoplanos e biplanos, mas o entusiasmo nem por isso enfraquece, antes, pelo contrario, vê-se que dos espiritos se apodera uma ancia crescente, cega, louca, pela aeronautica que constitue uma sciencia ensinada como qualquer outra, com professores e escolas frequentadas por individuos em geral de certa cultura.

O sexo fragil tambem se aventurou já a este *sport*.

A senhora Laroche escapou milagrosamente á queda do seu aparelho, devida, dizem algumas gazetas, a um verdadeiro abaloamento contra outro dirigivel, cujo proprietario tinha certo despeito pela victoria, provavel da sua antagonista. E' a guerra nos ares, de que o grande utopista inglés Wells tem tratado nos seus admiraves romances no genero de Julio Verne. A perversidade humana parece refinar, paralelamente com o enorme progresso scientifico.

Sob o ponto de vista militar, já se fez a experiencia de combate em aeroplano, apprehendido por dois tenentes armados de espingardas de tiro rapido, que puzeram o balão inimigo fóra de combate.

Já que falamos de viação aerea, diremos que os aviadores não se contentam em sulcar os ares dos continentes; vão mesmo sobre os mares, como qualquer ave. Depois de Latham, o primeiro a aventurar-se á viagem por sobre os mares, depois de Blériot, que atravessou a Mancha, Wilbur Wright deu provas de rara audacia percor-

rendo no seu aeroplano o porto de New York. Paulham lançou-se sobre o Pacifico e Rougier emprehendeu o primeiro vôo da bahia de Monaco, Le Blon imitou-o voando sobre a Atlantico, na deliciosa bahia de S. Sebastian.

O jornal inglés *Daily Mail*, que se consagrou ao incitamento da viação aerea, estabelecendo elevados premios, um dos quaes foi ganho por Blériot quando atravessou a Mancha em 25 de julho de 1909, offereceu um premio de 10:000 libras a quem realisasse o *match* Londres-Manchester, de 300 kilometros, o qual foi ganho por Paulham em 4 horas e 2 minutos de vôo effectivo, tendo que lutar com a escuridão da noite e com o vento e chuva, orientando-se pelas linhas ferreas que previamente haviam sido caiadas de espaço a espaço.

O inglés Graham White tentou o *raid*, mas sem resultado. O mesmo succedeu a Cody.

No dia 12 deste mês concluiu-se um tratado entre a Russia e o Japão, o qual constitue um acontecimento diplomatico de decisiva importancia, sendo uma perfeita aliança entre vencedores e vencidos de *Mukden* e *Tsushima*. As consequencias d'esta aliança não pôdem avaliar-se por enquanto, mas hão de ser consideraveis, se attendermos a que nesse tratado russos e japoneses garantem mutuo *statu quo* no theatro da sangrenta guerra que tão funda impressão causou em todo o mundo. Aquelles dois paises compromettem-se a respeitar reciprocamente os seus direitos adquiridos, e, o que é mais, a defender esses direitos perante quem quer que seja que se atreva a tocar-lhes.

A Mandchuria era, pela convenção de 1907, uma porta aberta a todos, embora nominalmente na posse da China, mas agora está sulcada de caminhos de ferro (que, como toda a gente sabe, são o instrumento da conquista economica) russos e japoneses, cujos interesses ficam sobejamente defendidos neste tratado, obrigando-se os dois governos a prestar concurso amigavel para a melhoria das linhas, tendo sempre em vista «afastar toda a concorrência que possa ser nociva á realisação d'esse programma.»

A Russia consegue desviar para a metropole grande parte das forças militares que ali permaneciam e que tanta falta lhe fizeram por occasião da annexação da Bosnia e da Herzegovina á Austria. Escusado será acrescentar que esta aliança produziu grande entusiasmo em S. Petersburg e em Tokio, podendo agora a Russia consagrar-se á tarefa que emprehendeu nos Balkans, e o Japão consagrar-se ao seu desenvolvimento economico e dirigir as suas atenções para o novo mundo, para o caso em que tenha de entrar em luta com os Estados Unidos.

A França rejubila com a sua alliada; Vienna e Berlim é que estão desapontadas, porque vêem fugir-lhes os Balkans...

O xadrez da politica internacional complica-se. A Allemanha e a Austria sentem-se isoladas. O sceptro de Francisco José é hoje o mantenedor da paz; a sua queda ha de produzir grandes complicações.

A Inglaterra segue todos os movimentos das nações e certamente seguiu a marcha do tratado russo-japonês, com que, segundo parece, nada lucrará, attendendo á rivalidade entre o Japão e a America do Norte.

Os subditos do rei Jorge, successor do grande diplomata Eduardo VII, deram exemplo d'uma sensatez e dum patriotismo invejaveis, adiando para mais tarde a discussão das reformas planeadas por Lloyd George e Asquith, de que resultou um conflicto, difficil de aplacar, entre a camara dos communs e a dos Lords, ou seja a luta entre o espirito conservador e medieval e o espirito moderno, progressivo, que tem em Lloyd George um ousado batalhador, cuja victoria está imminente.

O rei Jorge, ao fazer o juramento do seu advento ao throno, afastou-se do texto já antiquado em que havia allusões que feriam as susceptibilidades dos doze milhões de catholicos ingleses, cujo lealismo, no dizer de Asquith, é indiscutivel; as circumstancias que determinaram o texto antigo da declaração real estão agora radicalmente mudadas e as incapacidades legais e politicas não são agora justificadas.

AS RELIGIÕES DO GLOBO

O dr. Zeller, de Stuttgart, publicou um importante trabalho sobre o censo das religiões, d'onde

se conclue que em 1.544.510:000 habitantes ha 534.940:000 christãos, 175.290:000 mahometanos e 10.860:000 judeus.

A religião de Confucio tem 300.000:000 de crentes; o brahmainismo, 214.000:000, e o budhismo, 121.000:000.

De maneira que por cada 1:000 habitantes do globo temos 346 christãos, 114 mahometanos, 7 israelitas e 533 pertencentes a outras religiões.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Arte portugueza primitiva

O pintor Nuno Gonçalves

POR

José de Figueiredo

«Dans l'art il faut croire, il faut aimer... Quand on possède comme lui le secret de nous améliorer en veillant dans nos âmes le sentiment du bien, du bon et du divin, on ne mérite pas seulement les louanges aux quelles un grand artiste a toujours des droits, on laisse aussi dans tous les cœurs honnêtes un éternel souvenir.»

ERNEST VINET — *L'Art et l'Archéologie*.

«La perspective et la couleur, voilà les deux éléments générateurs de la peinture.»

EUGENE VÉRON — *L'Esthétique*.

«La peinture porte dans l'âme du spectateur les mouvements les plus nobles et les plus agréables, en donnant l'idée des objets qu'elle représente.»

DE STENOHAL (HENRY BEYLE) — *Promenades dans Rome*.

O pintor de cuja obra se trata na monographia dada á estampa pelo dr. José de Figueiredo e acabada de imprimir em Lisboa, na Typographia do Anuario Commercial, já não era inteiramente estranho para mim, aliás confesso leigo no ambito maravilhoso da divina arte.

Lêra, no volume *Pintura Simples*, por Liberato Telles, a seguinte muito singella noticia a seu respeito:

«NUNO GONÇALVES — Pintou para a capella de S. Vicente da Sé de Lisboa e para uma outra no convento da Trindade.

Segundo Bernardes, este pintor esteve ao serviço d'El-Rei D. Affonso, que deve ser o 5.º d'este nome.

Este artista procurou imitar os antigos pintores italianos.»

A allusão ao illustre vencido de Toro, levou-me a recorrer ao tomo 1.º, do meu exemplar da *Bibliotheca Lusitana*, com o intuito de inquirir do immortal abade de Sever, Diogo Barbosa Machado, uma informação mais ampla.

Retrata elle o rei, denominado o *Africano*, em conclusão dos traços biographicos, que lhe consagra, n'estes precisos termos syntheticos:

«Teve o corpo grande, e robusto; a presença magestosa, e agradável; o rosto redondo, cabello castanho, e o da barba comprido, que sempre trazia muito composto. Foi dotado de memoria admiravel, e ingenho agudo. Fallou a lingua materna com tanta pureza, e elegancia, que parecião as suas palavras estudadas antes de proferidas. Teve natural inclinação ás lettras, e com particular affecto estimava aos homens eruditos, com os quaes tinha familiar commercio. Foi o primeiro dos nossos Principes, que juntou Livraria, e que ordenou se escrevesse na lingua latina a Historia do Reyno, para cujo effeito mandou vir de Italia a Fr. Justo Baldino, Religioso Dominicano, a quem fez Bispo de Ceuta. Igualmente foi perito na Mathematica, que na Musica, de cuja suavidade summamente se deleitava. Foi acerrimo defensor da Fé Catholica, insigne venerador do culto divino; de animo compassivo para com os pobres, de coração generoso para os Fidalgos ennobrecendo o Reyno com muitos Titulos, com que premiou os merecimentos de seus antepassados.»

Como se vê, da transcripção immediatamente precedente, não ficou satisfeita a minha natural curiosidade, tanto maior quanto, por instincto, me parecia que, a vivêr n'aquelle afastado periodo, alguma cousa haveria mais na pessoa de tal

pintor do que o espirito de imitação servil, não obstante baseada em modelos magistraes.

Agora, porém, com a publicação do trabalho erudito de José de Figueiredo, apesar de ainda ficar desconhecido o assento baptismal do auctor das pinturas dos famosos retabulos, recentemente em exposição na Academia Real de Bellas Artes, d'esta cidade, é licita a afirmativa de que o sabemos portuguez, de sciencia certa, enconfundivel e original na sua obra, irrefutavelmente autentica, presado no devido merito por quem, segundo o expressivo depoimento do abbade de Sever, que outros documentos corroboram, apreciava e sabia apreciar o valor individual, sob todos os aspectos.

A monographia a que me refiro, em formato grande, magnifico papel e numerosas estampas de nitido primor, abrange 158 paginas de impressão, pertencendo ao texto 147 e as restantes á bibliographia, taboa das estampas, medidas dos paineis de S. Vicente, que são seis: do Infante, — dos Frades, — da Reliquia, — do Arcebispo, — dos Pescadores, — e dos Cavalleiros; por fim, taboa dos capitulos.

Antecede o texto, aberto por um introito rapido mas delineado com firmeza, o retrato de Nuno Gonçalves e de Joham, seu irmão.

O texto propriamente dito acha-se dividido em duas partes, a materia de cada uma das quaes, respectivamente, está distribuida por quatro capitulos.

Dedica José de Figueiredo esta sua monographia a dois homens, que vincula com amigos e que, na realidade, foram seus collaboradores participantes, na iniciativa de resurgimento de destino proprio, quicá olvido eterno, a que o pintor e os seus titulos proeminentes existiam condemnados: esses dois homens, são, o Conde dos Olivares e de Penha Longa, que, não ha muito, offereceu um sismographo ao governo portuguez, e Luciano Freire, professor distincto que, verdadeiro crente e amante da arte conforme a phrase de Vinet contida na epigraphe, com apostolico desinteresse e unção dedicada restituiu á luz primitiva o que, vandalismo de mãos sacrilegas, em retoques posteriores, haviam conduzido a ponto de periclitantissimo naufragio.

E, o que talvez José de Figueiredo não sonhára, por ventura, que da benedictina preparação e operação de Luciano Freire adveria a incontestavel prova de identificação dos paineis com o pincel de Nuno Gonçalves, cuja rubrica foi descoberta em um d'elles, intacta dos passados atrevimentos da ignorancia e feliz para o cunho demonstrativo dos registos eloquentes da Historia!

O elemento historico forma na monographia, o assumpto dos capitulos da primeira parte, e devo dizer com absoluta justiça que o auctor bebeu nas melhores fontes, joeirou com escrupulo de logica e não pretende impôr-se com sobran ceirismo auctoritario.

Na segunda parte surge a analyse critica, de mestre, sempre mantendo-se na linha recta de captivante urbanidade, sem embargo de emitir opiniões proprias com o mais completo desassombro.

E já que escrevi a palavra desassombro, tenho, n'esta altura, que accrescentar uma cousa: notei um senão durante a leitura da monographia, — a ausencia em certas passagens de uma revisão apuradissima, como semelhante elaboração reclamava com effeito, que a tornasse agua pura no concernente á vernaculidade irreprehensivel.

Infelizmente, não sou eu tambem, isempto de peccadinhos na escripta d'esta formosa lingua em que Camões cantou, Vieira prérgou e Herculano esculpiu nas bronzas paginas da sua obra monumental; mas enleva-me, arrebatá-me, extasia-me positivamente o estylo castiço, o atticismo classico.

Compreendo, todavia, que José de Figueiredo, cujo alvo precipuo, summamente patriotico, era outro, — assentar em fundamento solido a «existencia de uma escola primitiva de pintura portugueza» — conclusão final da monographia ou quarto capitulo da segunda parte, compreendo, repito, que o seu ser psychologico, a sua alma enamorada do magico poder dos eleitos da pintura, peregrinos genios symbolizados pelos Migueis Angelos e Raphaeis de todas as idades, não se preocupasse tanto com a gamma

da linguagem, com os sons harmoniosos da graphia.

Adduz o auctor, no citado capitulo ultimo, argumentos logicos e reflexões sensatas conducentes a resolver o problema que se propõe e a que não conseguiu por emquanto banir a feição caracteristica de hypothese, comportavel com futura averiguação categorica.

N'este ponto, lançou-se na estrada real dos factos susceptiveis de irradiação de origens certas, quando assevera peremptoriamente:

«... a pintura primitiva portugueza evolucionou, primeiramente, através da gallega, ou, antes, conjuntamente com ella, sob a influencia bysantina, influido ainda na nossa pintura, até meados do seculo xv, e simultaneamente com aquella, as suas derivadas, franceza e italiana, e, especialmente, desde fins do seculo xiv, as escolas sienense e florentina. Depois, a partir da vinda de João Van Eyck a Portugal, nos fins do primeiro terço do seculo xv, os nossos artistas começaram a attentar na escola flamenga, mas esta só influe decisivamente desde os fins d'esse seculo.

Quer dizer: os pintores portuguezes perseveram no naturalismo, como nenhuns outros pintores o fazem...»

Annuncia José de Figueiredo a esperança que nutre de attingir a abobada suspensa da sua ideal edificação, sinceramente nobre. Oxalá o consiga, para honra da patria e para justa gloria do seu nome, que este emprehendimento de folego, a esplendida monographia, averbou pura sempre com legitimos fóros de plenitude incontestada.

D'aqui o felicito e o abraço com effusiva cordialidade.

Maio, 22 — 910.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Contra-torpedeiro brasileiro «Santa Catarina»

De viagem para o Rio de Janeiro tem estado no Tejo um novo contra-torpedeiro brasileiro, que veiu de Vigo.

Este contra torpedeiro, denominado *Santa Catarina*, foi construido agora em Glasgow. E' de 650 toneladas com duas maquinas da força de 8:000 cavalos. e andamento de 25 milhas. Seu armamento é de 6 peças de diversos calibres, adquiridas em Folmont. Tem serviço de radiotelegrafia.

E' seu comandante o sr. capitão-tenente Francisco de Lemos Leça, e a guarnição é de 75 homens.

Como se pôde vêr pela gravura, é mais um belo barco, no seu genero, para a marinha brasileira, que ultimamente tem aumentado a sua esquadra, procurando por-se a par das melhores da Europa, e principalmente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte, para condignamente ocupar o logar que lhe compete entre as republicas da America do Sul.

PUBLICAÇÕES

Diccionario Universal Illustrado Linguistico e Encyclopedico. Dirigido por Eduardo de Noronha. — João Romano Torres & C.^ª, Lisboa.

Acaba de sahir o tomo 2 d'esta magnifica obra, dirigida pelo nosso collega Eduardo de Noronha, a mais barata e completa que até agora se tem publicado em Portugal e no estrangeiro. Este tomo, que abrange cêrca de três mil vocabulos, desde a palavra *Abjungir* até *Acadimento*, e que contém para cima de trinta gravuras, algumas de grande formato, com uma impressão nitidissima, com materia que occupa o dobro do espaço em qualquer publicação congenere nacional ou estrangeira, custa apenas 200 réis, o que a torna sem rival nesse ponto de vista como em todos os outros. De uma enxcedivel regularidade na sua distribuição, como a de todas as obras dos mesmos editores, João Romano Torres & C.^ª, o *Diccionario Universal Illustrado* é um livro que pela barateza, organização, aperfeiçoamento e conhecimentos que encerra, se torna indispensavel tanto aos ricos como aos pobres, tanto aos que principiam a estudar como aos que sabem muito. Aos nossos leitores recomendamos a assignatura de tão util como economica publicação.

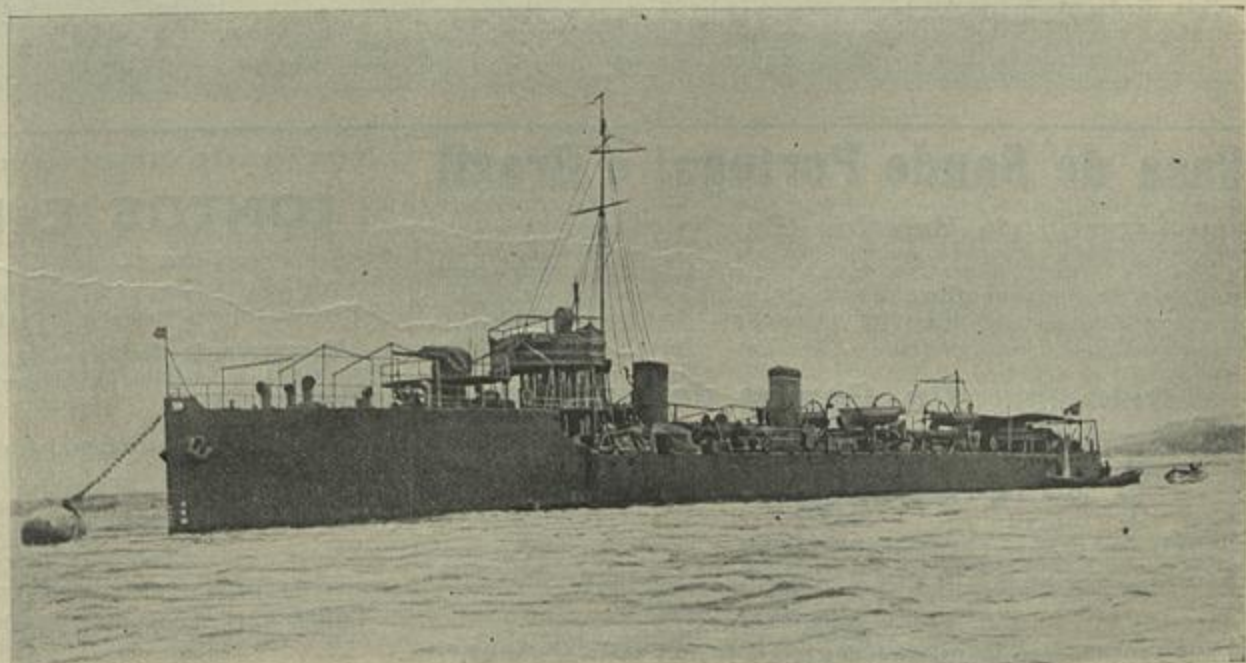
As romarias do Minho

Estamos no tempo proprio das romarias e, de quantas se fazem por essas provincias, as mais concorridas e pitorescas são as do Minho, mercê daquelle lindo jardim, exuberante de vegetação, onde toda a terra se desentranha em frutos; e dos coloridos trajés de côres vivas, garridas, das moças sádias, airosas, adornadas de luzente oiro que lhes emoldura as rosadas faces, suspenso das orelhas em descomunes arrecadados e pingentes a confundir-se no colo recamado de grossos cordões e filigranas do precioso metal. E' um luxo a valer, que para o possuirem todo o anno mourejam e de muita coisa se privam, podendo dizer como o filosofo: «que de coisas tem o mundo de que Diogenes não precisa» excepto o lindo oiro, dirão ellas.

Pois são assim as romarias, um mixto de sacro e de profano, tradições pagãs enchertadas no cristianismo, por uma tendencia irresistivel dos povos para festas ruidosas em que a invocação religiosa é um pretexto para folgar e divertir-se em certos dias do anno, como era uso nos povos antigos.

Com isto movimentam-se as populações e o commercio; o povo alevia as tristezas de todo o anno e alegra-se algumas horas, cantando, dançando e bebendo mais á vontade, emquanto vae deixando cahir na bandêja do santo da sua devoção o tributo voluntario que entende dever pagar-lhe pelos milagres que lhe fez durante o anno.

Ha que distinguir neste ponto a boa vontade do contribuinte, em contraste com a relutancia



O NOVO CONTRA-TORPEDEIRO BRASILEIRO «SANTA CATARINA», NO TEJO

AS ROMARIAS DO MINHO



EGREJA DE S. TORQUATO

com que elle paga as contribuições do Estado, o que só se explica pelo Estado não fazer os milagres por mais que o povo lhos pessa.

Pobre povo! tens razão!

Romarias, romarias, é tudo quanto te resta para folgares alegre, enquanto te não matarem no coração a perfumada flôr da crença, que te suavisa as agruras da vida.

E chega o verão e com elle toda a natureza se alegra.

Pelas lindas terras do Minho sucedem-se as romarias, mas dentre todas a mais concorrida é a de S. Torquato, entre Braga e Guimarães, em logar fertilissimo e muito pitoresco.

Nos primeiros dias de julho a povoação toma o aspeto das grandes festas que vão realisar-se no primeiro domingo do mez. De muitas terras de Portugal e até da Galisa, chegam romeiros, e as estradas alastram-se dos forasteiros, os que vem a pé, a cavallo e em carros de toda a especie, um despejar de gente que enche as cercanias da igreja de S. Torquato, que lá do alto é testemunha dos numerosos romeiros que se espalham pelos lindos campos em redor.

Por aqui e por ali armam-se barracas de venda. Ouvem-se descantes e toques ao som dos quaes o povo dança em grande contentamento e alegria, que mais se expande a cada momento que os foguetes de grandes bombas estalam no ar com enorme estrondo.

Por toda a larga avenida que conduz á igreja, erguem-se mastros embandeirados, matisando o ceu de azul intenso com o variegado de suas côres. A' sombra das arvores que orlam o caminho, enfileiram-se as barcas onde os forasteiros comem e bebem e em frente tocadores e cantores estendem a escudela pedindo alguns cobres. Os mais cuidadosos do seu fisico entregam-se ás mãos de barbeiros ambulantes, que na via publica abrem o seu salão com uma cadeira e um chapéu de sol.

Chega a hora da procissão, um mixto de cortejo civico e prestito religioso, com seus carros triunfaes alegoricos até aquelle em que vem o S. Torquato.

Abrem a procissão alguns soldados da cavalaria municipal do Porto e logo seguem as irmandades ladeando os classicos anginhos, de azas ao vento, alguns ajoujados ao peso dos cordões e medalhas de ouro que lhes cobrem o bustosinho tenro.

Vem agora o primeiro carro, ou melhor um alto trono, que á primeira vista não se percebe como se move; o trono desce quasi ao solo, sobre um estrado coberto em roda e só quem prescrutar com curiosidade, conclue que toda aquella enorme fabrica é conduzida por uns tantos homens que se occultam sob o estrado e as cortinas.

E' formidavel o trono, todo de doiraduras de cima a baixo. Lá no alto a imagem da Virgem de tamanho natural, e a de S. Torquato paramentado, ante um altar completo do tamanho do de qualquer capela; para baixo estendem-se os degraus por onde se sentam oito meninas vestidas de azul e veus brancos, as quaes, quando o prestito pára, cantam lóas e gesticulam automaticamente apontando para o S. Torquato que vae lá em cima.

Continuam as irmandades com suas cruces, anjos e anginhos, entremeiam-se musicas pelo cortejo e tudo precede outro carro, ainda mais alto, no seu trono. No topo, como emergindo de espesas nuvens de algodão em rama, se vê figurada a Santissima Trindade do Padre, Filho e Espirito Santo, e logo abaixo S. Torquato de vestes prelatissias, com outras figuras alegoricas compõem o quadro, além de mais meninas vestidas como as do primeiro carro, que tambem cantam lóas.

A estes carros segue-se uma urna conduzida por quatro rapazes mascarados de sacerdotes, significando a trasladação de S. Torquato que ha mais de meio seculo se realisou.

Finalmente fecha a procissão o palio, musicas e muito povo que faz acompanhamento, não sendo raro vêr um e outro grupo dançando ao compasso dos trombones e do bombo.

As festas prolongam-se pela noite e dia seguinte com as iluminações caracteristicas do Minho, com fogos de artificio, muito vinho e suas escaramuças de pauladas, efeitos do alcool, dos ciumes de namorados, ou de ajuste de contas de alguma rixa velha, aprasada para a romaria.

C. A.



A PROCISSÃO — O GRANDE ANDOR DA VIRGEM COM S. TORQUATO

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias. Telephone. 2873

Endereço, Fundos.

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

Por CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Peço Novo — LISBOA

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis